

A FESTA DE SUKKOT: UMA PROPOSTA BÍBLICO-ESCATOLÓGICA

JOÃO LUIZ MARCON¹
WILLIAN DE ALMEIDA RODRIGUES²

Resumo: Este estudo analisa a Festa de *Sukkot* como base para uma compreensão tipológica a partir dos textos de Levítico 23:34-44 e Apocalipse 21-22, tendo como objetivo relacionar a Festa de *Sukkot* com o tabernáculo de Deus com a humanidade na escatologia bíblica. Utilizou-se a metodologia de pesquisa bibliográfica para embasamento do tema do santuário, a fim de compreender as festas judaicas, respondendo à seguinte problemática: qual é a relação entre a Festa dos Tabernáculos no santuário terrestre com o tabernáculo de Deus no meio da humanidade na escatologia? A pesquisa está dividida em três partes principais. A primeira trata do evento histórico descrito na Bíblia, com seus fundamentos e significados. A segunda apresenta a dimensão profética e escatológica da Festa de *Sukkot*. Por fim, a terceira e última apresenta o tabernáculo de Deus com a humanidade em Apocalipse 21-22. É proposto que a tipologia da Festa de *Sukkot* transcende o período do AT (Pentateuco, Profetas e Escritos), e se estende à escatologia no NT (Evangelhos e Apocalipse). Essa festa possui um caráter de alegria nos escritos bíblicos e marca sempre o fim do ciclo anual no calendário judaico. Concluiu-se que a Festa de *Sukkot*, em sua dimensão tipológica e escatológica, aponta para o cumprimento final da promessa divina de habitar com a humanidade. Seu simbolismo transcende o contexto histórico de Israel e encontra sua plena realização em Apocalipse 21 na habitação eterna de Deus com os redimidos. Assim, *Sukkot* revela-se como figura da restauração final e da comunhão perfeita entre Criador e criatura, consumando o plano da redenção.

Palavras-chave: *Sukkot*. Festa. Escatologia.

¹ Mestre em Teologia Bíblica pela Faculdades EST. Doutorando em Teologia Sistemática pela Universidad Adventista del Plata. Contato: joao.marcon@adventistas.org

² Bacharel em Teologia pela Faculdade Adventista do Paraná. Contato: willian.rodrigues@adventistas.org

STUDY ON THE FEAST OF SUKKOT: A BIBLICAL AND ESCHATOLOGICAL PROPOSAL

Abstract: This study examines the Feast of Sukkot as a basis for a typological understanding based on the texts of Leviticus 23:34-44 and Revelation 21–22, relating the Feast of Sukkot to God's tabernacle with humanity in biblical eschatology. A bibliographical research methodology was used to support the theme of the sanctuary, aiming to understand the Jewish feasts, answering the following question: what is the relationship between the Feast of Tabernacles of the earthly sanctuary and God's tabernacle with humanity in eschatology? The research is divided into three main parts: The first addresses the historical event described in the Bible, with its foundations and meanings. The second presents the prophetic and eschatological dimension of the Feast of Sukkot. Finally, the third and final section presents God's tabernacle with humanity in Revelation 21–22. It is proposed that the typology of the Feast of Sukkot transcends the Old Testament period (Pentateuch, Prophets, and Writings), extending beyond the New Testament (Gospels and Revelation). This festival has a meaning of joy in biblical writings and always marks the end of the annual cycle in the Jewish calendar. It was concluded that the Feast of Sukkot, in its typological and eschatological dimension, points to the final fulfillment of the divine promise to dwell with humanity. Its symbolism transcends the historical context of Israel and finds its fulfillment in Revelation 21 in God's eternal dwelling with the redeemed. Thus, Sukkot reveals itself as a figure of the final restoration and perfect communion between Creator and creature, consummating the plan of redemption.

Keywords: Sukkot. Feast. Eschatology.

1. Introdução

Entre as festas de Israel relacionadas ao santuário terrestre, está a Festa dos Tabernáculos (Lv 23:33-44). Ela relembra que os israelitas estiveram no deserto sob a proteção divina, representada pela coluna de nuvem de dia, que os protegia do calor, e pela coluna de fogo, que transmitia calor e luz a noite (Êx 13:21). Para a tradição judaica, de acordo com Edersheim (1997), nos dias de Jesus, há o relato de que na Festa dos Tabernáculos os judeus comemoravam o cuidado divino. Isso ocorria através do uso da *sukkáh* e das muitas luzes, uma menção à coluna de nuvem e à coluna de fogo.

O tema do santuário é algo que frequentemente suscita uma série de símbolos e significados para a compreensão da comunidade judaica e cristã, uma vez que no AT ele foi feito conforme mandamento do próprio Deus a Moisés (Êx 25:8, 9). Estudar o santuário e a Festa dos Tabernáculos, da perspectiva cristã, aponta para uma diversidade de questões bíblicas e lições a serem aprendidas com relação ao evangelho de Cristo por meio de suas simbologias e tipologias. Elas indicam um cumprimento profético maior, talvez escatológico. Diante dessa contextualização, levanta-se a seguinte problemática: qual é a relação entre a Festa dos Tabernáculos no santuário terrestre e o tabernáculo de Deus com a humanidade na escatologia do Apocalipse?

O objetivo desta pesquisa é estabelecer a relação entre a Festa dos Tabernáculos no santuário terrestre e o tabernáculo de Deus com a humanidade na escatologia do Apocalipse. Sendo assim, o trabalho está organizado em três partes: 1) analisar o evento histórico da Festa de *Sukkot* descrito na Bíblia, com seus fundamentos e significado; 2) apresentar a dimensão profética e escatológica da Festa de *Sukkot*; 3) relacionar a Festa de *Sukkot* no santuário

terrestre ao tabernáculo de Deus com a humanidade em Apocalipse 21. Examina-se a hipótese de que a Festa de *Sukkot*, em seu aspecto tipológico, encontra seu pleno cumprimento escatológico em Apocalipse 21–22.

Para essa finalidade, este estudo utiliza o método de pesquisa bibliográfica, buscando em documentos e obras que fundamentem os objetivos propostos, tais como a própria Bíblia, comentários bíblicos, dicionários bíblicos, históricos e culturais que contenham informações relevantes para esta pesquisa. Também apresenta-se a perspectiva da teologia bíblica e escatológica, ou seja, o significado léxico das palavras, seu sentido bíblico-teológico, bem como o entendimento doutrinário dos últimos acontecimentos da história do pecado e a restauração de todas as coisas. Não se pretendeu esgotar o tema, mas oferecer um panorama teológico coerente entre AT e NT.

2. Estudo sobre a Festa de *Sukkot*: Uma Proposta Bíblico-Escatológica

A Festa de *Sukkot*, também conhecida como Festa dos Tabernáculos, ocupa um lugar primordial nas festas solenes de Israel, instituídas pelo próprio Deus. Seu estudo permite compreender não apenas um aspecto histórico e litúrgico, mas uma profunda dimensão de simbolismos teológicos e escatológicos. Uma análise dessa festa revela uma conexão direta entre o passado do povo hebreu e as promessas futuras no panorama bíblico-escatológico.

2.1. A Festa de *Sukkot* na Bíblia: Fundamentos e Significado

No Pentateuco, Deus estabelece que o povo de Israel deveria ir ao santuário terrestre para celebrar três festas de peregrinação durante o ano (Êx 23:14,17; 34:23; Dt 16:16). Entre essas festas encontra-se a Festa dos Tabernáculos. A primeira menção nas Escrituras a essa festa está em Êxodo 23:16, onde é chamada de Festa da Colheita. Na língua hebraica ela recebe o nome de *Sukkot*, que significa cabanas.

2.1.1. Festa da Colheita e da Alegria

A Festa de *Sukkot* era comemorada por sete dias, tendo um oitavo dia de santa convocação, conforme a ordenança de Deus ao povo de Israel em Levítico 23:33-44. Os versículos 34 e 39 dizem: “Aos quinze dias deste mês sétimo, será a Festa dos Tabernáculos ao Senhor, por sete dias, [...] ao oitavo dia haverá santa convocação.” Esse festival chegava com o final de outubro ou começo de novembro (Nichol, 2011). Ocorria aos 15 dias do mês de *tishri*, quando as azeitonas já haviam sido colhidas e as colheitas estocadas durante esse período.

De acordo com Schultz (1995), quando essa festa é aplicada ao contexto do AT, observa-se que ela não apenas celebrava o fim da colheita, mas também que eram oferecidas grandes quantidades de sacrifícios, totalizando 70 novilhos em plena gratidão. Em Números 29:13-14, percebemos que se começava com 13 sacrifícios no primeiro dia (que diminuía gradativamente), junto a 14 cordeiros, dois carneiros e um bode. Também, havia ofertas de manjares e libações proporcionais, como “flor de farinha misturada com azeite, três décimas para cada um dos treze novilhos, duas décimas para cada carneiro; e uma décima para cada um dos catorze cordeiros”. No oitavo dia, uma solene convocação finalizava os sacrifícios e as atividades do ano.

Tratava-se de uma festa de gratidão e alegria diante do Senhor, além de confirmar que a miraculosa intervenção divina havia mantido a nação, tendo Deus demonstrado ao povo serem Sua propriedade. O *Talmud* diz: “Quem não viu a alegria da *Simchat Beit HaShoeva* nunca viu alegria em toda a sua vida” (Davidson, 2017). Isso demonstra como, para a tradição judaica, *Sukkot* é mais do que um rito formal, é uma expressão máxima de júbilo e espiritualidade.

Dessa forma, para a tradição judaica, a Festa de *Sukkot* era a festividade mais feliz do ano, fechando o ciclo anual do calendário de festas do povo. Eles estavam felizes, pois as suas esperanças haviam sido confirmadas: seus celeiros estavam cheios, seus frutos haviam sido recolhidos e a colheita das vinhas estava pronta (Edersheim, 1997). Isso demonstra que a comunidade aguardava ansiosamente o fim do calendário, pois era um período que renovava as suas convicções no Mantenedor supremo, que havia cumprido as Suas promessas.

2.1.2. Festa da Lembrança da Peregrinação no Deserto

O povo deveria transformar as suas habitações em tendas, expressando a importância da bondade de Deus demonstrada:

Uma santa convocação marcava seu início e seu final. Era um período de alegria e agradecimento pela colheita de outono, e comemorava a jornada segura dos israelitas desde o Egito até a Palestina. Tinham observado o Dia da Expição poucos dias antes e recebido a garantia de que seus pecados não seriam mais lembrados. Estavam em paz com Deus. Podiam reconhecer a bondade do Eterno e louvá-Lo por sua misericórdia (Nichol, 2011, p. 675).

Além da data marcada para o início dessa festa, havia um evento histórico por trás dela, referente à saída do Egito e à peregrinação segura até a Terra Santa. A menção bíblica desse relato está em Êxodo 13:19-22, que retrata Deus guiando o Seu povo para sair do Egito.

Dutra (2017) menciona que em Levítico 23:34 a festa é denominada “Festa de Iahvé” e amplia suas considerações:

O nome da festa, *Sucot*, tem sua origem nas cabanas ou tendas temporárias nas quais Israel viveu durante os quarenta anos em que vagou pelo deserto. Uma vez em Canaã, depois da morte da geração que perambulou no deserto, Deus dá uma ordem aos israelitas. Sete dias habitareis em tendas de ramos; todos os naturais de Israel habitarão em tendas; para que saibam as vossas gerações que eu fiz habitar os filhos de Israel em tendas, quando os tirei da terra do Egito. Eu sou o Senhor, vosso Deus (Dutra, 2017, p. 184).

Essa ordem foi estipulada por Deus para ser um estatuto perpétuo que deveria ser transmitido para as gerações futuras. Durante esses sete dias, o povo deveria habitar em tendas feitas de ramos, que representavam abrigos temporários, lembrando a experiência de viver em cabanas quando Deus os tirou do Egito (Lv 23:43).

De acordo com Gross (2024), havia um movimento de caráter histórico contido no festival: “Indicar que durante essas grandes solenidades as tribos de Israel peregrinavam até Jerusalém para cumprir no Templo, os ritos adequados e reconstituir a unidade do povo como no momento da saída do Egito.” Para Silva (2011), essa era uma das festas de peregrinação mais significativas para o povo de Israel. O povo, ao se alegrar diante do Senhor, habitava em tendas para relembrar a saída do Egito e celebrar a fidelidade de Deus para com o Seu povo.

2.1.3. A Festa de Sukkot e seu Significado

Ao se tratar da peregrinação do povo israelita pelo deserto, a Festa de *Sukkot* tinha um significado que transpõe o ambiente agrícola da festividade, passando para uma concepção teológica e religiosa. Nos dias de Jesus, no Segundo Templo, a festa foi ampliada em sua simbologia. Primeiramente, Oliveira (2018) destaca que a festividade tinha uma dupla aplicação: (1) a celebração pela safra do final do ano, que garantiu a subsistência até a próxima colheita, e (2) o perdão dos pecados assegurados pelo Dia da Expição. Em segundo lugar, ao final da festa, realizavam-se dois rituais: o derramamento de água sobre o altar e o acendimento de quatro grandes candelabros no pátio do templo. De acordo com Engel (2017), eles simbolizavam a abundância de Deus mesmo no deserto e a coluna de fogo que iluminou os israelitas. Champlim (2001) descreve que a luminosidade dos candelabros era tão intensa que podia ser vista em toda a cidade. Judeus piedosos dançavam e cantavam o *Hallel* festivo (Sl 113-118).

Kessler (2010) comenta que a proteção divina contida no significado da Festa de *Sukkot* demonstra a vulnerabilidade humana, pois a vivência em cabanas, que seriam temporárias, mostra a dependência de Deus e Sua companhia mesmo em meio ao deserto cheio de perigos e dificuldades. Kaplan (1981) amplia ao observar que a debilidade e transitoriedade humanas são representadas pelos materiais com os quais as cabanas eram feitas. Eles haviam sido retirados dos frágeis e temporários elementos da natureza como folhas de palmeiras, galhos de árvores, ramos de arbustos, palha e materiais semelhantes. Tal perspectiva das cabanas sugere que “a *sukkáh* é um lembrete de que a proteção definitiva do ser humano não vem de tijolos e cimento, mas da vontade e da Presença de Deus”.

Observa-se um sentido especial para o povo de Israel quanto ao uso das quatro plantas. Sorrentino (2020) afirma que elas eram reunidas em um maço para a celebração da Festa de *Sukkot*, isto é, palmeira (*lulav*), murta (*hadas*), salgueiro (*aravah*) e cidra (*etrog*) (Lv 23:40-42), representando: 1) unidade e harmonia; 2) agradecimento e celebração; e 3) presença divina. Elliott (2000) afirma: “O uso ritual do *lulav*, *etrog*, *aravah*, *hadas* simbolizava a totalidade da criação adorando a Deus. Seu movimento em todas as direções afirmava Sua soberania sobre a terra.”

Dessa forma, *Sukkot* era a festa mais jubilosa do povo de Israel, simbolizando a colheita final, a transição das estações do ano o início das chuvas e marcando o ponto alto do mês sagrado. A festa destaca três aspectos principais: a alegria do fim das celebrações, a habitação em cabanas e os sacrifícios.

As colheitas eram celebradas em reconhecimento à promessa de Deus de estar com o povo e abençoar suas labutas, enquanto os sacrifícios incentivavam os israelitas a oferecerem o melhor em gratidão pelas bênçãos recebidas. Já as cabanas lembravam a condição de estrangeiros neste mundo, a fragilidade e temporalidade da vida humana, em contrapartida ao cuidado, à proteção e à companhia divina com o povo que se encontravam na coluna de fogo e na nuvem. O ritual da água sobre o altar simbolizava a abundância dos mantimentos de Deus, mas especialmente a água da salvação oferecida aos pecadores (Is 12:2-3). De acordo com Ridderbos (1995), a água que era retirada do tanque de Siloé destacava a salvação que havia se aberto para eles com um maravilhoso e abundante conteúdo.

2.2. A Dimensão Profética e Escatológica da Festa de Sukkot na Bíblia

Em 1 Reis 8:2, 10-12, mostra-se que quando foi feita a inauguração do Templo de Salomão, isso aconteceu justamente no período que compunha a enorme quantidade de sacrifícios, o que configurava uma ação da Festa dos Tabernáculos. Champlim (2001) destaca que na inauguração do templo, o próximo fato que ocorria era o “encher” da casa com a presença de Deus. O autor compara isso com outros dois eventos, sendo um deles no âmbito do monte Sinai, da forma que a nuvem cobriu o monte. O outro ocorre no monte da transfiguração, onde justamente houve a tentativa de Pedro de fazer três *sukkáh's* (tendas comumente usadas na Festa dos Tabernáculos), descritas em Lucas 9:34-35. O texto afirma que os discípulos ficaram amedrontados, da mesma forma que o povo no Êxodo 19 ao pé do monte e dos sacerdotes que ministravam no Templo de Salomão em 1 Reis 8. Isso, de acordo com o autor, acontece quando a presença de Deus (por meio de Sua habitação) está presente no local. Ela causa na mente e sentidos dos seres humanos essa reação de medo.

A Festa de *Sukkot* no AT é descrita por sete vezes: Êxodo 23:16; Levítico 23:33-44; Números 29:12-39; Deuteronômio 16:13-17; 1 Reis 8:2; Neemias 8:14-18; e Zacarias 14:16, enquanto ela é descrita apenas uma vez no NT, em João 7-8. No AT a palavra utilizada, de acordo com Barry (2020), é *ukkot*, que tem o significado de “viver em cabanas”. Ela aparece sete vezes ligada à festa e em um total de 31 vezes com suas variações verbais e semânticas, porém, mantendo o significado de “habitação” ou “moradia”. Para Davidson (1996), os textos a seguir relacionados com a Festa de *Sukkot* no Antigo Testamento têm um caráter profético e escatológico além do histórico: Levítico 23:33-44; Números 29:12-39; Deuteronômio 16:13-17; Neemias 8:14-18; Zacarias 14:16.

Já no NT, de acordo com Keener (2011), o verbo utilizado para a festa é *skenoō* (tabernacular). Dentre suas variações em outros tempos verbais e semânticos que contêm o mesmo significado da palavra como “habitar” ou “habitação” (oriundos da mesma raiz *skên*), ela também se encontra em 31 ocorrências do NT (Thayer, 2022). Pode-se ver uma relação entre *sukkot* e *skenoō*, quando João utiliza o verbo para se referir a Jesus habitando entre os seres humanos (Jo 1:14), como observa Keener (2011). Aqui se estabelece uma conexão explícita entre Jesus e o conceito de tabernacular, remetendo à habitação temporária do povo de Israel no deserto sob a proteção divina.

Ademais, nessa mesma linha de pensamento, Keener e Champlim (2001) afirmam que o cumprimento tipológico da festa está na relação da expressão habitar ou tabernacular. Essa expressão está ligada com João 1:14: “E o Verbo Se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a Sua glória, glória como do unigênito do Pai.” Para João, o *logos* encarnado veio habitar no meio da humanidade. Essa interpretação mostra que a permanência do *logos* seria apenas por um tempo, tal qual a habitação temporária na *sukkáh*. Da mesma forma, todos os seus discípulos seriam peregrinos e estrangeiros neste mundo.

Para Henry (2004), o princípio escatológico da Festa de *Sukkot* está no fato de o Senhor prometer estar com eles em direção à terra prometida enviando Seu Anjo na frente, sendo esse Anjo o próprio Cristo. O autor amplia sua concepção escatológica quanto à certeza da promessa:

Quão razoáveis são as condições desta promessa, [...] quão ricos são os detalhes desta promessa! O consolo de seu alimento, a continuidade de sua saúde, o aumento de sua riqueza, o prolongamento de suas vidas até a idade avançada. Assim, a piedade possui a promessa desta vida presente. Bando de vespas abriram caminho para as hostes de Israel; Deus pode usar infinitas criaturas para castigar os inimigos do seu povo, com

verdadeira bondade para a igreja os inimigos são vencidos pouco a pouco. Assim nos mantemos em guarda e em contínua dependência de Deus (Henry, 2004, p. 57).

Esse aspecto da citação de Henry está atrelado a um dos viéses da celebração da festa, que os lembrava do cuidado de Deus. Quanto a outros eventos, ele destaca que a festa num contexto geral “poderia prefigurar que Cristo teria um tabernáculo nesta terra, em natureza humana, também representando a vida do crente: estrangeiro e peregrino neste mundo”.

Esse pensamento se alinha parcialmente com a ideia de Champlim (2001), segundo o qual, no momento da festa em que eram acesos os quatro grandes candelabros, Jesus declarou ser a luz do mundo (Jo 8:12), afirmando que veio iluminar todo o mundo, e não apenas o templo de Jerusalém. A partir dessa perspectiva, Davidson (1996), comenta que a festa deve ser percebida com seu cumprimento messiânico quando Jesus anuncia em Sua última Festa dos Tabernáculos: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8:12) e “aquele que tem sede, venha a Mim e beba” (Jo 7:37-38).

Rubenstein (1994) descreve com detalhes os eventos cerimoniais que aconteciam na Festa de Sukkot no período do Segundo Templo e no período rabínico. Ele destaca que a cerimônia da água como libação era efetuada pelos sacerdotes que iam até o tanque de Siloé e enchiam um cântaro de ouro de água e rumavam para o templo. Era conhecida, segundo Miranda (2004), como a “marcha dos sacerdotes”, acompanhada por músicos, corais e o povo, que se postava nas ruas para ver esse evento. Ao chegarem no templo, eles subiam a rampa do altar e derramavam a água em duas tigelas de prata, que se localizavam na parte esquerda da rampa (Rubenstein, 1994). A tigela ocidental era para a água e a oriental para o vinho, e essa cerimônia, de acordo com a Mishná (MSuk 4:1), tinha duração de sete dias. No dia de sábado acontecia a mesma cerimônia, porém com um cântaro auxiliar, que ficava em uma câmara do templo (MSuk 4:10), e se, por acaso, ficasse descoberto, usava-se a água da pia de bronze.

Esse mesmo evento é visto como uma evocação poderosa da festa no NT, especialmente no relato de João 7, onde a oferta de água por parte de Jesus é interpretada como o cumprimento da tipologia divina que outrora havia sustentado o povo no deserto (Kaiser, 2010). Acrescenta-se ainda que a “água” é uma referência a Ezequiel 47, que trata do templo restaurado e de onde saíam águas “purificadoras”. Quando Jesus se levantou no ápice da celebração, fazendo referência à “água viva” mencionada em João 7:37-39, Ele estabeleceu uma conexão direta com o ritual da libação da água na Festa dos Tabernáculos com a esperança messiânica, demonstrando como esses elementos estavam relacionados com Sua pessoa e missão (Young, 1995).

Earle e Joseph (2006) ampliam esse pensamento quando asseguram que os eventos realizados no último dia, também chamado de “o grande dia da festa”, em João 7-8, de forma múltipla são:

Em primeiro lugar, temos Siloé (enviado), lembrando-nos que, na nova ordem, Jesus é o Enviado do Pai e pelo Pai (cf. 3.17, 34; 5.38; 6.29, 57; 7.29; 8.24; 10.36; 11.42; 17.3, 8, 18, 21, 23, 25), e Ele cumpre tudo o que já foi representado pelo tanque e pela cerimônia de derramamento da água. Em segundo lugar, pode-se ver que o que era externo e limitado, trazido do exterior para o Templo, agora se torna interno, dinâmico, fluente e abundante. Em seguida, a vida cheia do Espírito é caracterizada pela abundância, tanto com relação à sua Fonte, Jesus, a Rocha que foi golpeada e da qual flui a corrente da vida (Nm 20.8; 1 Co 10.4), como em relação ao seu fluxo, que deve alcançar todos os homens em todas as nações (Lc 24.47-49; At 1.8) (Earle; Joseph, 2006, p. 79).

De acordo com esses autores, todos os elementos presentes na festa tiveram seu cumprimento profético em Jesus, sendo Ele o tipo, em correspondência com o antítipo, as sombras se encontrando com o seu originador.

Por se tratar de uma festa agrícola, quando se colhiam e reuniam os cereais e frutos das árvores e videira em seus depósitos, a Festa dos Tabernáculos aponta para outra reunião tipológica. Kaiser (2010) e Moen (2012) percebem na referência da Festa dos Tabernáculos, em Zacarias 14:16, um cumprimento profético futuro – pode-se dizer escatológico – para a restauração de todas as coisas criadas e onde Israel e os povos se reunirão para adorar ao Senhor em Jerusalém. Davidson (2022) vai na mesma direção ao dizer que a festa tinha um caráter escatológico (Zc 14:16). Segundo o autor, “representava o ajuntamento escatológico de todas as nações para adorar Yahweh. A Sukkot remete às moradias temporárias de Israel no deserto, enquanto a nuvem divina simbolizava a presença imediata e a proteção de Deus” (Davidson, 2022). Esse conceito indica uma temporalidade proveniente da festa em um ambiente profético.

Para White (2013), a Festa dos Tabernáculos é a última festa de tipificação do povo de Deus, pois remonta à consumação final do pecado e considera a plenitude do plano da redenção agora terminado. Assim, White (2013) mostra que a Festa dos Tabernáculos, sendo a mais jubilosa de todas, representava a colheita final e tipificava a reunião dos remidos na Canaã celestial, sob a eterna presença de Deus.

Por fim, Macdonald (1995) associa a simbologia da festa ao descanso final e à última colheita, quando Israel habitará em segurança na nova Terra. Ele destaca que a festa possui um significado tipológico no santuário terrestre e seu cumprimento profético deve ser interpretado de forma integrada. Para ele, os dois sábados da festividade simbolizam tanto o milênio quanto o descanso eterno.

Além da restauração de todas as coisas, assim como no passado Deus habitou em uma “cabana” (Êx 25:8), a festa em Zacarias 14:16 descreve a visão do profeta que percebe que no reino futuro Deus habitará definitivamente junto ao Seu povo redimido revelando o grande plano de Senhor (Bíblia de Estudo Andrews, 2018).

2.3. O Tabernáculo de Deus com a Humanidade no Apocalipse

A expressão “o tabernáculo de Deus com os homens” (Ap 21:3) representa o clímax da revelação bíblica sobre a presença divina no meio da humanidade. No livro de Apocalipse, essa temática assume um caráter escatológico e culminante, sintetizando o propósito de Deus desde o Éden até a restauração final.

2.3.1. O Conceito de “Tabernacular” em Apocalipse 21:3

O termo *skenoō*, que aparece em Apocalipse 21:3, deriva do mesmo verbo *skenoō* utilizado em João 1:14. No entanto, conforme observa Thayer (2022), seu uso em Apocalipse 21:3 está mais intimamente relacionado com Apocalipse 7:15, sendo essas as únicas duas ocorrências bíblicas em que a forma exata do termo *skenoō* é empregada. O significado, segundo o autor, expressa a ideia de que “Deus estenderá o seu tabernáculo sobre eles, para que habitem em segurança sob Sua cobertura e proteção”, o que corresponde ao sentido universal de “habitar” presente em Juízes 5:17.

O verbo *skenoō* ocorre cinco vezes no NT (Jo 1:14; Ap 7:15; 12:12; 13:6; 21:3) e mantém a ideia de “estender o tabernáculo” ou “habitar”. Trata-se, portanto, de uma expressão da

presença ativa de Deus com a humanidade, retomando a simbologia do tabernáculo no deserto. Thayer acrescenta ainda a bela concepção de que Deus Se torna o “companheiro de tenda” da humanidade, enfatizando a comunhão íntima e restaurada entre o Criador e Suas criaturas.

A restauração completa do relacionamento ou da comunhão de Deus com a humanidade criada se dá por meio da eliminação do pecado e de um julgamento realizado no Céu, que permite então o Seu trono estar na Terra, segundo Bauckham (1993). Os verbos *skéne* e *skenoō* têm justamente essa conotação, de acordo com o autor, como uma transliteração direta “grego-judaica” dos termos *mishkán* e *shákan*, de onde há a referência à presença de Deus (*shekináh*) no AT, isto é, no tabernáculo e no templo. Para ele, a Nova Jerusalém se trata de um “Santo dos Santos” com a presença imediata e irrestrita de Deus disponível não apenas aos sacerdotes, mas também a todo o povo de toda a Terra, juntamente com a presença do Cordeiro (Ap 21:22).

Beale (2004), destaca que toda a estrutura da Bíblia, Antigo e Novo Testamento, se convergem em torno da presença de Deus entre a humanidade. Isso ocorre, de acordo com o autor, desde os capítulos 1 e 2 de Gênesis, quando o ser humano é criado e tem em seu propósito estar perto de seu Criador. Mesmo após o lapso do pecado, o propósito de Deus com a humanidade permanece o mesmo. Todo o período da história culmina em um momento futuro que está descrito em Apocalipse 21, no qual a humanidade receberá uma Nova Jerusalém como resposta para o cosmos da vontade eterna de Deus em Se relacionar com a humanidade, não mais limitado pela separação de dois compartimentos, mas com a possibilidade de acesso de todo ser vivo.

No período do AT, o primeiro lugar de habitação de Deus é relatado no tabernáculo do deserto, depois no templo, com a presença manifestada pela glória de Deus pela *shekinah* (Ladd, 1972). A partir de Efésios 2:22, o autor ressalta que Deus também habitava em Sua igreja por meio do Espírito, o que só pode ser percebido pela fé, e não pela vista (2Co 5:17). Portanto, o último estágio que falta ainda é a presença de Deus face a face.

A habitação de Deus com a humanidade tem destaque principal nos escritos de João, conforme Stefanovic (2023). Ele ressalta que a Nova Jerusalém também será a capital do Universo. Para não fazer qualquer menção que retire a centralidade do texto da habitação de Deus com os seres humanos, João usa nesse trecho verbos com os quais os leitores estariam familiarizados a partir do AT para denotar o “tabernacular”. O apóstolo não faz uso de metáforas na apresentação da presença de Deus com a humanidade, retornando a fazê-lo apenas quando se trata de uma alusão à noiva, referindo-se à Jerusalém restaurada. Dessa forma, o centro da nova criação está na realidade de Deus com a humanidade.

Na perspectiva de Morris (1999), o fato de João não ver um templo físico em Apocalipse 21:22 remete ao pensamento de que o próprio Deus é o santuário e que essa facilidade de acesso a todas as pessoas se dá por ocasião de todos os seres humanos redimidos serem colocados como figuras sacerdotais (Ap 20:6). O autor acrescenta que todos os títulos atribuídos a Deus já haviam sido utilizados ao longo do Apocalipse e que, ao final, a presença divina se destaca como o elemento de maior esplendor, culminando na revelação do Cordeiro como figura ativa e central no propósito da redenção e na mensagem do livro.

Conforme Wright (2008), a habitação de Deus entre os seres humanos constitui um tema essencialmente escatológico, sendo que, em *Sukkot*, há uma antecipação da realidade futura descrita em Apocalipse 21, na qual Deus estabelecerá sua morada definitiva com a humanidade. Esse simbolismo central da presença divina, presente na festa, também é encontrado na visão apocalíptica, quando Deus habitará de modo permanente com os redimidos, reforçando o aspecto de comunhão eterna (Beale, 2004).

2.3.2. A Restauração Escatológica e a Plenitude da Presença Divina

A restauração escatológica está diretamente relacionada com a criação em Gênesis 1:1 e tem ecos que aparecem por toda a parte no livro de Apocalipse. Tonstad (2009, p. 292) afirma que há relações íntimas entre os dois livros:

Em Gênesis, Deus cria “os céus e a terra” (Gn 1:1). Em Apocalipse, João vê “um novo céu e uma nova terra” (Ap 21:1). Em Gênesis, a ordem criada cai sob uma maldição (Gn 3:17), mas no Apocalipse “não haverá mais” “maldição” (Ap 21:3, NVI). Em Gênesis, os seres humanos estão alienados de Deus, fugindo da presença de Deus com medo (Gn 3:10). Na visão do Apocalipse da Terra renovada, “Deus habita entre os seres humanos” (Ap 21:3, NVI). A alienação não é encontrada em lugar algum. O medo e a incompreensão são superados; eles verão o rosto de Deus, e o Seu nome estará em suas testas.

A restauração da criação, nas palavras de Wright (2008), é uma solução para colocar a humanidade novamente em posse do plano original, de administradores da criação, e de Israel como a luz do mundo, com a intenção de restaurar a aliança que foi quebrada. A partir desse novo começo em Apocalipse 21–22, Deus pode finalmente ser o Rei de todo o mundo com uma aliança refeita, por meio de uma criação renovada e Suas promessas sendo cumpridas. Ou seja, Deus não destrói o pecado ou os pecadores, pois já não existem mais, porém renova todos os aspectos da humanidade.

Dentro dessa perspectiva restauracionista, Davidson (2022, p. 756) declara que a o cumprimento tipológico é uma resposta para a resolução do conflito com a reunião no Monte Sião de toda a humanidade:

Ao chegarmos às cenas finais do Apocalipse, o cumprimento apocalíptico da tipologia do santuário resolve a tensão entre o terreno e o celestial. Considerando que no tempo da igreja o Israel espiritual é espiritualmente (não literalmente, geograficamente) reunido na Jerusalém celestial no Monte Sião (Hb 12:22-24), quando “o tabernáculo de Deus está com os homens” (Ap 21:3), o Israel de todas as épocas terá sido literalmente reunido em sua nova Jerusalém. Após o milênio, a Jerusalém celestial terá literalmente descido à Terra e, após o juízo final e a purificação da Terra pelo fogo, o tribunal (uma Terra recriada à moda do Éden) será unido ao seu centro, o tabernáculo literal de Deus, na Jerusalém literal.

Dessa maneira, o autor declara que “o tabernáculo de Deus com os homens” tem ligação direta com a Festa de Sukkot. O povo de Deus, o Israel de todos os tempos, é recolhido em sua “casa de colheita onde os mansos finalmente herdaram a Terra” (Davidson, 2022, p. 914). Essa percepção se encontra relacionada com a de Hasel (1992), quando afirma que a esperança escatológica da presença de Deus no santuário terrestre estava interligada com o processo de salvação, que tem seu desenvolvimento no decorrer de todo o relato histórico bíblico, direcionando para uma plenitude da presença de Deus futura.

Na percepção de LaRondelle (2005), a consumação da obra redentora do reino de Deus acontece quando Cristo testifica de Si mesmo: “Eu Sou o Alfa e o Ômega”, o princípio e o fim (Ap 22:13). Isso dá sentido a toda a história da salvação em ambos os Testamentos, colocando Cristo como uma unidade essencial de todas as alinhas em Si mesmo, garantindo o cumprimento profético perfeito em Sua pessoa e missão.

No livro de Apocalipse, nos capítulos 21 e 22, a restauração final do Éden e a habitação eterna de Deus com os seres humanos tem um caráter permanente. Todos os elementos são restaurados, conforme Tonstad (2009), à semelhança do que aconteceu em Gênesis 1:3, em que a luz citada está intrinsecamente ligada com a presença de Deus e do Cordeiro – o mesmo efeito ocorre em Apocalipse 22:5. White (2012) afirma que a proximidade de Deus e do Filho será um privilégio dado aos redimidos, quando a “natureza” e o seu cuidado com o ser humano seros usados para refletir a imagem de Deus sem o véu que fazia separação, podendo contemplar, enfim, o Seu rosto.

2.3.3. A Festa de Sukkot como Figura da Nova Criação

O relato da criação está conectado com a construção do templo de Deus, segundo Walton (2012). Ele propõe uma visão de inauguração do templo cósmico de Gênesis 1:1, em que Deus habitaria e controlaria o Universo, estando ligada com o relato da criação. Para ele, o relato da semana da criação em sete dias deve também ser entendida como a criação do templo de Deus. Isso, para o autor, seria o tópico que daria início às funções que configurariam o início do relacionamento do Criador e da criatura. O autor afirma que o clímax do sétimo dia, quando Deus descansa de Sua obra, descreve Deus assumindo o controle do cosmos a partir de Seu templo recém-criado.

Nessa direção, Davidson (2022) aborda as simbologias descritas na Festa de Sukkot como parte de uma nova criação no Apocalipse, agora de uma festa culminante e não com itens provisórios. Ele destaca os elementos da festa: (1) o tabernáculo de Deus com os seres humanos (21:3), no formato da própria Nova Jerusalém, como sendo o “Santo dos Santos” em formato de cubo; (2) o festival da água não mais sendo uma porção de três *toras* (equivalente a meio litro) que saiam de Siloé ou como uma porção de água jorrando da rocha, mas como um rio de água da vida que sai do trono de Deus e do Cordeiro (22:1); (3) a cerimônia da luz está presente, porém não no acendimento dos candelabros no pátio das mulheres ou com a coluna de fogo, mas em Deus e no Cordeiro (21:23); (4) a agitação dos ramos de palmeiras nas mãos e a multidão de salvos vestidos de branco (7:9); e (5) o cântico festivo (7:10-12).

Dentro do livro de Apocalipse, a Festa de Sukkot se faz de forma muito particular e apropriada com o calendário judaico (Doukhan, 2023). Doukhan (2023) situa a alusão da festa logo depois do *Yom Kippur* em Apocalipse 11:19: “A colheita de grãos e uvas (Ap 14:14-20; 16:17, 18), o rito de Azazel (Ap 20:2, 3), e a purificação do acampamento contra o mal (Ap 20:7-15).” O autor ressalta que logo após essa sequência vem a grande colheita do povo de Deus que é reunido dos quatro cantos da Terra. O tempo da grande alegria do povo é representado pela liturgia em adoração a Deus, seguida do consolo para toda lágrima (não havendo mais tristeza). Isso é particularmente cumprido com a habitação de Deus entre os seres humanos em Apocalipse 21:3, o que traz, então, a universalidade do evento.

De acordo com White (2013, p. 501), “quando os resgatados do Senhor houverem sido com segurança recolhidos na Canaã celestial, livres para sempre do cativeiro da maldição, [...] regozijar-se-ão com indizível alegria e plenos de glória”. Ela afirma que, logo após esse feito, a obra expiatória de Cristo para salvar a humanidade estará completa e o pecado estará para sempre eliminado do meio do povo.

O descanso milenar e a continuidade da festa são um tópico bastante relevante dessa comemoração e abordado por Bacchiocchi (2001). O autor destaca a festa como tendo dois sábados cerimoniais, sendo esse um símbolo de eternidade e continuidade da festa, além de uma preparação para o novo começo que estaria ligado com a restauração da Terra e dando início a um novo ciclo sob a guia de Cristo. White (2013) ressalta que a possibilidade de

comemoração da festa deveria ser uma prática comum e considerada pelo meio cristão e não apenas para aguardar para que seja comemorada na eternidade.

2.3.4. Síntese Teológica Final: O Propósito Divino de Habitar com a Humanidade

O tabernáculo do deserto dá início a um propósito redentivo que se aplicava primeiramente para o povo de Israel e posteriormente para um aspecto missiológico diante das nações vizinhas. Wright (2006) apresenta essas características como intrínsecas diante do pedido de Deus para habitar junto do povo. O autor ressalta que isso começa com a promessa a Abraão e seu chamado missiológico em Gênesis 12 e o plano redentivo da construção do tabernáculo terrestre, dando início ao primeiro cumprimento da promessa de Deus em habitar com o Seu povo. O tabernáculo de Deus com os seres humanos seria o cumprimento escatológico dessa promessa e esperança de redenção feita por Deus para a humanidade (Wright, 2006).

Para Davidson (2019), a profecia de Zacarias 14:16 se dirige a um tempo futuro no qual se cumpriria primeiramente na vinda do Messias e com o seu ápice ou clímax, que ocorrerá na nova Terra em Apocalipse 21:3. Essa festa, que originalmente seria uma festividade exclusiva de Israel pela perspectiva do profeta Zacarias, será uma comemoração expandida a todas as nações da Terra em um reinado universal, todos os anos para estar perante YHWH (Bíblia de Estudo Andrews, 2018).

Diante da perspectiva da presença de Deus na Nova Jerusalém se salienta a presença de ambas as figuras que estão relacionadas com a Festa de *Sukkot*, Deus e o Cordeiro. De acordo com Gane (1999), o Cordeiro é Cristo e está presente na cena do final do Apocalipse para demonstrar que a humanidade é salva por meio Dele e de Deus, como responsáveis pela redenção da humanidade colocando os seus nomes nas testas dos remidos (Ap 14:1-9).

Doukhan (2023) destaca que a estrutura do Apocalipse reage em torno da restauração da relação de Deus com a humanidade. O autor relata que isso é o centro da *Sukkot* celestial, colocando uma estrutura de paralelismos de A-C, contendo:

A // A" – A) O trono de Deus e do Cordeiro que flui água viva (A. Ap 22:1-2a).
A") O trono de Deus e do Cordeiro na cidade (A". Ap 22:3).

B // B" – B) O fruto produzido cada mês e folhas para curas das nações (B. Ap 22:2b).
B") Os servos que devem servir a Deus face a face, aquele que vai lhes dar luz (B". Ap 22:3c-5b).

C // C" – C") Ali não haverá jamais maldição (C. Ap 22:3a), alusão à maldição de Gn 3:14, quando há a negativa de acesso à árvore da vida.
C" e reinarão com ele pelos séculos dos séculos (C". Ap 22:5c).

Para Doukhan (2023), a Nova Jerusalém não é o paraíso para os seres humanos em sua atmosfera mundana, nem um local que remete aos paraísos utópicos. Será um local de experiências de toque, cheiro, gosto e beleza, tornando claro os mistérios da vida, junto com o crescimento na Palavra de Deus de forma prazerosa. O mundo e os seres humanos não mais clamarão pela presença de Deus e do Cordeiro, pois estarão com eles continuamente.

3. Considerações Finais

A Festa de *Sukkot* revela-se como uma das celebrações mais ricas do AT, unindo dimensões históricas, espirituais e escatológicas. Originalmente, recordava a peregrinação de Israel no deserto e a presença divina que o acompanhava, ensinando que a verdadeira segurança não vem de estruturas humanas, mas da habitação de Deus com o Seu povo. Em Cristo, essa presença tornou-se concreta: “O Verbo Se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1:14) – expressão que retoma o verbo *skenóo* (“tabernacular”), evidenciando o cumprimento da promessa divina de estar entre os seres humanos.

A pesquisa demonstrou que os símbolos de *Sukkot* – cabanas, água, luz e alegria – encontram pleno significado na obra redentora de Cristo e apontam para a consumação escatológica apresentada em Apocalipse 21:3: “Eis o tabernáculo de Deus com os homens.” Assim, a festa, que antes prefigurava a proteção divina e a gratidão pelas colheitas, culmina na restauração final, quando Deus habitará permanentemente com a humanidade redimida.

O objetivo proposto e a problemática foram respondidas: existe uma continuidade tipológica entre o santuário terrestre, a encarnação de Cristo e o tabernáculo eterno da Nova Jerusalém. Essa compreensão amplia a visão da esperança cristã, mostrando que o propósito final da história da salvação é a restauração da comunhão plena entre Criador e criatura. A Festa de *Sukkot* torna-se, portanto, um símbolo da colheita final dos remidos e da alegria eterna da presença divina permanente após a eliminação do pecado.

Contudo, reconhece-se que este estudo se limita a uma abordagem teológica e bibliográfica. Futuras pesquisas poderão explorar aspectos arqueológicos, litúrgicos e linguísticos, bem como comparações entre *Sukkot* e outras festas bíblicas, especialmente o Dia da Expição e o Pentecostes, a fim de ampliar a compreensão da tipologia e da esperança escatológica nas Escrituras.

Referências

BACCHIOCCHI, S. **God’s festivals in Scripture and history: part 2, the fall festivals.** Berrien Springs, MI: Biblical Perspectives, 2001.

BARRY, J. D. **Lexham Bible dictionary.** Bellingham, WA: Lexham Press, 2020.

BAUCKHAM, R. **The theology of the book of Revelation.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

BEALE, G. K. **The temple and the church’s mission: a biblical theology of the dwelling place of God.** Leicester; Downers Grove, IL: Apollos; InterVarsity, 2004.

BÍBLIA de estudo Andrews. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

CHAMPLIM, B. N. **O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo.** São Paulo, SP: Hagnos, 2001.

DAVIDSON, R. **Jewish festivals of the Bible.** 1996. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/pubs/1924>. Acesso em: 9 set. 2025.

DAVIDSON, R. **Sukkot, festival of joy: a Seventh-day Adventist perspective**. 2019. Disponível em: <https://www.shalomlc.org/sukkot/sukkot-festival-of-joy-a-seventh-day-adventist-perspective>. Acesso em: 17 set. 2025.

DAVIDSON, R. **Song for the sanctuary: experiencing God's presence in shadow and reality**. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2022.

DOUKHAN, J. B. **Segredos do Apocalipse: uma perspectiva hebraica do ultimo livro da Bíblia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023.

DUTRA, R. A. **Festa de Sucot: sua origem, celebração e presença no evangelho de João**. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/34427>. 2017. Acesso em: 28 out. 2024.

EARLE, R.; JOSEPH, M. **Comentário bíblico Beacon**, v. 2: João-Atos. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006.

EDERSHEIM, A. **Festas de Israel**. São Paulo: União Cultural Editora, 1997.

ELLIOTT, M. **The survivors of Israel: a reconsideration of the theology of pre-Christian Judaism**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2000.

ENGEL, J. **A Festa dos Tabernáculos: último dia, o mais importante**. Disponível em: <https://guiame.com.br/colunistas/joel-engel/festa-dos-tabernaculos-ultimo-dia-o-mais-importante.html>. 2017. Acesso em: 4 jun. 2025.

GANE, R. E. **Altar call**. Berrien Springs, MI: Seminary Andrews University, 1999.

GROSS, F. **As festas de peregrinação**. Disponível em: <https://www.judaismoecristianismo.org/o-judaismo/19-o-judaismo/569-67-as-festas-de-peregrinacao>. Acesso em: 27 mai. 2025.

HASEL, G. F. Salvation in Scripture. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 3, n. 2, 1992, p. 18-19. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/jats/vol3/iss2/3/>?. Acesso em: 8 out. 2025.

HENRY, M. **Comentário bíblico de Matthew Henry**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004.

KAISER JR., W. C. **O uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

KAPLAN, A. **The living Torah**. Nova York: Moznaim Publishing, 1981.

KEENER, Craig S. **Comentário bíblico do NT**. São Paulo: Vida, 2011.

KESSLER, E. **An introduction to Jewish-Christian relations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

LADD, G. E. **A commentary on the Revelation of John**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1972.

LARONDELLE, H. K. **Our Creator Redeemer: an introduction to biblical covenant theology**. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2005.

MORRIS, L. **The book of Revelation: an introduction and commentary**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999.

MACDONALD, W. **Comentário bíblico popular: Antigo Testamento**. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

MIRANDA, M. **Pessoa do Messias nas festas bíblicas**. 2004. Disponível em: <https://yausha.com.br/wp-content/uploads/2022/10/Pessoa-do-Messias-Nas-Festas-Biblicas-Marcelo-Miranda-Guimaraes-1.pdf>? Acesso em: 09 out. 2025.

MOEN, S. **Spiritual restoration: reclaiming the foundations of God's Word**. [S.l.]: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2012.

NICHOL, F. D. (Ed.). **Comentário bíblico adventista do sétimo dia**, v. 1. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

OLIVEIRA, A. **Santuário: o caminho de Deus**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

RIDDERBOS, J. **Isaías: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

RUBENSTEIN, J. **A history of Sukkot in the Second Temple and rabbinic periods**. 1994. Disponível em: https://muse.jhu.edu/pub/327/oa_edited_volume/chapter/2545395?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 12 out. 2025.

SCHULTZ, S. **A história de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

SILVA, G. **A Festa dos Tabernáculos: significado bíblico e escatológico**. 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/43976822/>. Acesso em: 20 mai. 2025.

SORRENTINO, R. **A Festa dos Tabernáculos**. 2020. Disponível em: <https://www.projetomoverdedeus.com.br/a-festa-dos-tabernaculos/>. Acesso em: 27 mai. 2025.

STEFANOVIC, R. **Revelation of Jesus Christ: commentary on the Book of Revelation**. Barrien Springs, MI: Andrews University Press, 2023.

TALMUD. Sukkah 51a. Trad. William Davidson. Sefaria, 2017. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Sukkah.51a?lang=bi>. Acesso em: 9 set. 2025.

THAYER, J. H. **Thayer's Greek-English lexicon of the New Testament.** Peabody, MA: Hendrickson, 2022.

TONSTAD, S. **The lost meaning of the seventh day.** Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2009.

WALTON, J. **The lost world of Genesis one: ancient cosmology and the origins debate.** Downers Grove, IL: Academic, 2012.

WHITE, E. G. **O grande conflito: acontecimentos que mudarão o seu futuro.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

WHITE, E. G. **Patriarcas e profetas.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

WHITE, E. G. **A cruz e a sombra.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020.

WRIGHT, C. **The mission of God: unlocking the Bible's grand narrative.** Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2006.

WRIGHT, N. T. **Surprise by hope: rethinking heaven, the resurrection, and the mission of the church.** Nova York: HarperOne, 2008.

YOUNG, B. H. **Jesus the Jewish theologian.** Peabody, MA: Hendrickson, 1995.